



Economia nas Escolas: relatos de uma experiência

Fernanda Finotti Cordeiro Perobelli
fernandafinotti.perobelli@ufjf.edu.br
UFJF

Gabriele Ribeiro
gabrielერიbeiro.cmcjr@gmail.com
UFJF

Idala Carolina Carvalho Alves
idala.carol@gmail.com
UFJF

Kamilla Menezes Avelar
kamillamenezes.cmcjr@gmail.com
UFJF

Tatiana Ladeira Vidal
tatianav01@hotmail.com
UFRRJ

Resumo: O cenário econômico de um país é determinante para a tomada de decisão das famílias. Saindo de uma fase de forte estímulo ao consumo e enfrentando a conjuntura restritiva atual, as famílias brasileiras convivem com incertezas relacionadas ao desemprego, queda na renda e elevação da inadimplência. Em momentos assim, a educação econômico-financeira pode auxiliar os indivíduos melhorando sua compreensão sobre orçamento, consumo, poupança, produtos financeiros e seus riscos. Visando prover conteúdo básico à educação econômico-financeiras de crianças, jovens e adultos, o “Economia nas Escolas” é um projeto de extensão empreendido por alunos membros da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora. De forma presencial, os alunos atendidos têm a oportunidade de tirar dúvidas específicas, discutir interpretações e situações históricas e atuais, construindo o conhecimento de forma ativa. O material expositivo dos encontros é elaborado pelos alunos membros a partir de exemplos relacionados ao momento financeiro do indivíduo e a disciplinas obrigatórias da grade escolar. No intuito de verificar a relevância percebida do projeto, um questionário busca captar a satisfação dos alunos atendidos pelo projeto. Avalia-se também a percepção dos membros do projeto que participaram da troca de conhecimento. Os resultados obtidos nessa avaliação estão transcritos neste trabalho.

Palavras Chave: Educação Financeira - Educação Econômica - Orçamento Familiar - Economia nas Escolas - Projeto de Extensão

1. INTRODUÇÃO

O cenário econômico de um país é determinante para a tomada de decisão das famílias. No Brasil, o ano de 2015 finalizou com saldos preocupantes de Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com o Banco Central do Brasil (BACEN), houve retração de 3,8% ao ano no indicador. Com relação à inflação, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), ficou em 10,67% ao ano em 2015.

As previsões para 2016 ainda são pessimistas. Em seu relatório de mercado, divulgado no último dia 10 de junho, o BACEN (2016) alterou as previsões do PIB para uma retração de 3,60% ao ano em 2016, com o IPCA devendo fechar em 7,19% ao ano no período.

É em meio a essa conjuntura desfavorável do país que se encontram as famílias, enfrentando a incerteza de uma possível fase de desemprego e com endividamento elevado. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo IBGE no dia 31 de maio de 2016, indicam elevação da taxa de desemprego em abril de 2016, para 11,2% ao ano, sendo essa a maior taxa de desocupação desde o início da pesquisa, em janeiro de 2012. Além do desemprego, a perda do poder de consumo, ocasionada pela alta da inflação e restrição de crédito, tem colocado em xeque, dia após dia, o orçamento familiar dos brasileiros.

De acordo com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), foram registrados 50 mil novos Certificados de Pessoas Físicas (CPF's) como inadimplentes em maio de 2016, totalizando 59,25 milhões de usuários no indicador de inadimplência, o equivalente a 39,91% da população brasileira com idade entre 18 e 95 anos. Entre os adultos entre 30 e 39 anos, a proporção é ainda maior: mais da metade (50,32%) encontra-se negativada, o que totaliza 17 milhões de consumidores enfrentando dificuldades para realizar compras a prazo, fazer empréstimos, financiamentos ou contrair crédito de modo geral.

Em declaração à imprensa no site do SPC, o presidente da CNDL, Honório Pinheiro, declarou:

“Ao longo dos últimos meses, o movimento da inadimplência tem sido influenciado pela contínua piora do cenário econômico, que corrói a renda das famílias, e pela maior restrição ao crédito. Por um lado, essa restrição limita o potencial de endividamento das pessoas, mas, por outro, a queda da renda impõe ao consumidor dificuldades para pagar dívidas e honrar seus compromissos financeiros” (SPC, 2016)

Além disso, a abertura do indicador do SPC de dívidas em atraso por setor da economia (SPC, 2016) revelou que o maior avanço no número de inadimplentes foi devido aos atrasos em faturas cujos credores são as empresas concessionárias de serviços essenciais, como água e luz, com alta de 10,71% em maio de 2016, em comparação ao mesmo período de 2015. Tal dado indica que o brasileiro tem enfrentado dificuldades para realizar o pagamento até mesmo de contas básicas.

É nesse cenário de crise econômica e descontrole do orçamento familiar que a educação financeira e econômica ganha espaço e importância.

Para a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015), a educação financeira é um complemento importante para a conduta de mercado, sendo responsável pelo processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informações e recomendações claras, podem desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando seu bem-estar financeiro.

Para a OCDE (2015) dentro de um cenário financeiro em rápida evolução, onde o acesso à área financeira e a serviços é facilitado, a cada dia os cidadãos estão sujeitos a mais riscos quanto ao controle do seu orçamento. Desta forma, a habilidade financeira tornou-se essencial para os indivíduos, sendo a educação financeira uma ferramenta que pode ajudar a melhorar o conhecimento e as habilidades desses, ajudando-os em suas tomadas de decisões cotidianas.

Ainda, como um complemento para a inclusão e proteção financeira do consumidor, a educação financeira também é importante para restaurar a confiança nos mercados financeiros, podendo ser usada como meio de suportar a instabilidade econômica. Para tal, é necessário que antes de tudo a população esteja bem informada e consciente da saúde financeira da sua família e do seu país, buscando modificar os hábitos não saudáveis do seu orçamento.

Alonso (2016) afirma:

“Não existe uma idade para que você comece a olhar para alguns aspectos de sua vida financeira que antes eram negligenciados. Infelizmente, não temos uma cultura de educação financeira no Brasil”
(Afonso, 2016, p.18)

No contexto de uma vida financeira saudável, Alonso (2016) destaca três pontos. O primeiro deles é que deve se adquirir um conhecimento básico sobre economia, ou seja, saber alguns conceitos econômicos presentes no dia a dia, como, por exemplo, o que significam inflação, taxa de desemprego e outros indicadores que afetam diretamente as famílias. Além de dominarem alguns conceitos simples de matemática financeira.

O segundo ponto é que se deve dedicar tempo ao controle das finanças pessoais. Conhecer os hábitos familiares, a renda líquida da família e as despesas. Por fim, destaca o autor, entender a psicologia econômica e algumas das principais “armadilhas” da mente, ou seja, regras ‘de bolso’ que levam os indivíduos a tomarem decisões equivocadas.

Nesse momento, alinham-se a percepção econômica e o controle do orçamento familiar. Ambos os fatores devem ser tratados na educação financeira e econômica brasileira, onde há um descontrole que se inicia com as contas básicas mensais, passando por empréstimos que não conseguem ser quitados, criando um ciclo vicioso que só se agrava ao longo do tempo pela falta de conhecimento econômico e financeiro básico.

Para fugir do ciclo vicioso do orçamento mensal, é desejável que uma família consiga manter seu bem estar a qualquer momento da vida. Para Kiyosaki (2000), a educação financeira traz um padrão de vida desejável e proporciona a sua manutenção. O que todos querem ser é 'abastados' e isso exige conhecimento sobre dinheiro: é o que se chama 'inteligência financeira'. Em realidade, não é tão relacionado a quanto dinheiro se ganha, mas sim a quanto dinheiro se guarda.

Kiyosaki (2000) enfatiza que a educação financeira deve começar a ser ensinada logo na infância. Infelizmente, essa não é uma realidade dos nossos dias; muitos pais não conseguem desenvolver essa parte da educação de seus filhos. Por isso a relevância de projetos desenvolvidos junto às escolas, alinhando as disciplinas regulares de ensino à educação financeira e econômica.

2. SOBRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

De acordo com Marshall (1967), a construção da cidadania perpassa por vários aspectos, desde a conquista de direitos civis, como o de ir de vir, até a prática do consumo consciente. Apesar de todo aparato tecnológico e conhecimentos disponíveis, que auxiliam no planejamento financeiro, ainda convivemos com muitas tomadas de decisões financeiras sem nenhuma análise de custos e benefícios, ou seja, as pessoas não utilizam as ferramentas da matemática financeira, agem pura e simplesmente por impulso, pela emoção e não pela razão.

De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra educação significa o conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito, ou seja, o aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano. Nesse contexto, o objetivo da educação financeira deve ser o de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro e, através da informação, melhorar a compreensão sobre conceitos e produtos financeiros.

Segundo a OCDE (2005), educação financeira é:

“o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro”.

Cidadãos financeira e economicamente conscientes estão aptos a tomar decisões de longo prazo, discutir de forma coerente sobre as decisões econômicas e entender os impactos dessas decisões. Após a estabilização da inflação, “recursos da população que eram canalizados para a proteção contra a perda da renda real, causada pela inflação, passam a ser direcionado a questões de alocação desta renda, o que requer conhecimentos básicos de economia e finanças” (SILVA e BATISTA, 2010). Alunos do ensino médio são os herdeiros dos impactos dessas mudanças. Savoia, Saito e Santana (2007) afirmam que a “inclusão em programas de educação financeira forma cidadãos críticos, informados e capacitados para administrar as suas finanças de maneira eficaz, devido ao desenvolvimento de conhecimento, aptidão e habilidades”.

2.2. INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.

Segundo direcionamento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.384/96), a educação financeira não é conteúdo obrigatório no sistema de ensino do Brasil. Porém, o Ministério da Educação reconhece que parte dos aspectos referentes à qualidade do ensino são as habilidades essenciais à vida. Portanto, regulamenta o desenvolvimento de competências para a inserção dos indivíduos na sociedade por meio da multidisciplinaridade dos conteúdos lecionados, enquadrando-se em tal o ensino da gestão orçamentária familiar.

Como incentivo para apoiar e desenvolver ações relacionadas ao ensino de gestão financeira, instituiu-se a Estratégia Nacional de Educação Financeira. Com o objetivo de contribuir com a cidadania, essa política de Estado visa à conscientização dos indivíduos a fim de capacitá-los a tomar decisões mais autônomas, através do desenvolvimento da criticidade e incentivo às iniciativas que atenderem aos objetivos da estratégia. Conta com parceiros como BACEN, Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional de Previdência Complementar, Superintendência de Seguros Privados (Susep), Ministérios da Justiça, Previdência Social, Educação e Fazenda, ANBIMA, BMF&Bovespa, CNseg, Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN).

Estudo empírico feito no Brasil e avaliado pelo Banco Mundial (Bruhn *et al.*, 2013) destaca que a inserção da educação financeira na realidade dos alunos beneficiados é capaz de melhorar a qualidade de vida de suas famílias e da sociedade em que vivem.

Seguindo este pensamento, já são contabilizadas iniciativas bem-sucedidas para inserção da educação financeira e econômica na grade disciplinar dos alunos da rede pública. Segundo Silva e Batista (2010), embora ainda tímida no Brasil, o ensino de economia para o ensino médio é discutido desde 1970 nos Estados Unidos. Atualmente, a disciplina de economia é diretamente ministrada em 26% dos estados norte-americanos e indiretamente no restante, de forma transversal nas disciplinas de matemática e estudos sociais, por exemplo. Outro país reconhecido por suas importantes iniciativas no ramo da educação financeiras e econômica é a Espanha (SILVA, BATISTA, 2010). Em nível nacional, são organizadas olimpíadas que estimulam o estudo de economia e temas ligados a decisões financeiras.

No Brasil, a preocupação com a educação financeira e econômica de seus cidadãos é iminente. Após diversas iniciativas isoladas, o reconhecimento de projetos preocupados com a formação sustentável do cidadão brasileiro ganha espaço. Dentre elas, podemos citar o “Portal do Investidor” da CVM. Um dos sites mais completos sobre educação financeira, possui materiais para crianças, jovens e adultos. Aborda assuntos como poupança, consumo e investimento de uma forma atual e dinâmica.

Existem ainda ações desenvolvidas pela iniciativa privada. A Associação Nacional dos Bancos de Investimento, a Bolsa de Valores de São Paulo e a Fundação Bradesco promovem cursos e palestras que explicam sobre os tipos de investimentos disponíveis para quem tem interesse em poupar. Bancos como Itaú Unibanco, Bradesco, Caixa Econômica Federal, são apenas alguns dos que têm em seus sites conteúdos dedicados à educação financeira. Estas iniciativas, entretanto, têm um viés para clientes, explicando sim as ferramentas da educação financeira, mas contextualizando-as de forma a mostrar o que o banco oferece aos seus clientes em cada situação.

Campanhas de uso consciente do cartão de crédito e videoaulas, elaboradas pela Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (ABECS), com vídeos e clipes musicais divulgados na internet; Allianz Seguros, com o programa My Finance Coach”, quando voluntários da empresa vão a escolas trabalhar com as crianças de 10 a 16 anos temas como “como comprar” e “como planejar”; “Programa Escola Brasil”, do banco Santander, onde, no dia do voluntariado, funcionários do banco vão às escolas de sua comunidade falar sobre o bom uso do dinheiro, dívidas e a relação entre a família e o dinheiro, são exemplos de projetos de educação financeira em exercício no Brasil (VIDA E DINHEIRO, 2016).

No que tange a projetos globais de educação financeira, a Associação Internacional de Educação para a Cidadania e Economia Social promove a alfabetização financeira para crianças e adolescentes. Caracteriza-se como uma medida de médio a longo prazo, pois se dedica a indivíduos iniciantes em assuntos financeiros, buscando a quebra da cultura de tomada de decisões por impulso e sem calcular riscos.

3. PROJETO ECONOMIA NAS ESCOLAS

O projeto “Economia nas Escolas” é um projeto de extensão empreendido por alunos da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora. O objetivo do projeto é levar assuntos econômicos e sobre educação financeira para dentro de sala de aula, despertando em alunos do ensino médio e, posteriormente do ensino fundamental, o interesse por temas capazes de servir de base para suas futuras decisões cotidianas de modo a torná-las sustentáveis, entendendo o cenário econômico onde vivem e como suas ações afetam esse cenário. Acreditamos que a discussão destes temas forme cidadãos mais conscientes e economicamente ativos nas mudanças do país.

O diferencial do projeto frente aos anteriormente mencionados é claro. Enquanto a maioria dos projetos citados usa a internet como instrumento para promover o conhecimento, de uma forma mais passiva, esperando que os interessados busquem os sites e se interessem pelo assunto, o projeto Economia nas Escolas vai até os alunos. De forma presencial, são discutidos assuntos não apenas relacionados à educação financeira, mas também à economia, conceitos importantes para a formação cidadã dos alunos. Neste contato presencial, os alunos têm a oportunidade de tirar as suas dúvidas específicas, discutir interpretações e situações, construindo o conhecimento de uma forma vívida.

O projeto trabalha o ensino interdisciplinar estruturado por tópicos, propagando parte do conhecimento obtido no ensino superior para as bases da cadeia educacional, atualmente alunos do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A discussão permite despertar o interesse por temas capazes de servir de base para suas futuras decisões cotidianas de modo a torná-las sustentáveis, entendendo o cenário econômico onde vivem e como suas ações afetam esse cenário.

O projeto surgiu da vontade de estudantes do ensino superior em Economia de levar os conceitos aprendidos em sala para a realidade de não economistas, partindo de conteúdos considerados básicos e compreensíveis, aprendidos durante a graduação. Graças à criação, em abril de 2014, do projeto de extensão Conjuntura e Mercados Consultoria Júnior (CMC Jr.), um grupo de extensão universitária voltado a análises macroeconômicas, regionais, setoriais e de ativos específicos, formado por professores e

alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora, o “Economia nas Escolas” se tornou real.

O projeto trabalha com módulos temáticos apresentados em encontros presenciais e expositivos. Os apresentadores, alunos de graduação participantes do projeto de extensão CMC Jr, são os responsáveis pela escolha, preparação do material e pelas apresentações, além do acompanhamento administrativo do projeto, como registros fotográficos, aplicação de questionários de feedback, contato com as escolas, adaptação e atualização dos conteúdos. No projeto temos dois principais agentes que permitem que o conhecimento seja construído: os alunos participantes, que correspondem aos alunos do ensino médio ou EJA, das escolas atendidas pelo projeto; e os alunos membros, alunos da graduação em Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora, que são responsáveis pelas palestras do projeto.

O material expositivo dos encontros é elaborado na forma de apresentações de slides, procurando sempre trazer exemplos interativos e dentro da realidade dos jovens, relacionando temas ao momento financeiro do indivíduo em sociedade e à sua vida prática, primando por uma abordagem dinâmica e descontraída. Uma das preocupações na montagem dos temas é sempre relacioná-los com alguma disciplina obrigatória da grade escolar. Essa diretriz foi seguida no intuito de contextualizar o assunto e trazer sua importância não apenas para o vestibular/exames de ingresso no ensino superior, mas para seu cotidiano. Consequentemente, procura-se incentivar os alunos a cursarem o ensino superior, mostrando que a graduação não é algo tão distante da sua realidade econômico-financeira-social.

O projeto é estruturado em quatro encontros versando sobre as seguintes questões:

(a) “O que é economia?” Tem o intuito de informar aos alunos de ensino médio sobre a ciência econômica, trazendo conteúdos necessários para que se exponham, com clareza, informações sobre a economia, como a origem do estudo, objetivos e funções, diferenciando-a dos demais cursos do campo social aplicado, conduzindo uma apresentação expositiva que apresenta a importância do capital humano e suas atuais oportunidades de construção;

(b) “Plano real”. Este encontro expõe o panorama histórico dos principais métodos de combate à inflação, situando-os em cada momento político do Brasil. Partindo do período desenvolvimentista dos anos 50 no país, procura-se explorar, de maneira didática, as consequências dessas medidas, como inflação, déficits públicos contínuos, moratória de dívida externa e futura desaceleração da indústria até a estabilização monetária obtida com o Plano Real. A análise crítica de cada política adotada e a exposição paralela da realidade brasileira no período apoiam a apresentação.

(c) “Estruturação de Mercados”. Em uma discussão acerca das organizações de mercados, apresenta-se o problema das falhas causadas por estruturas como monopólio e competições monopolísticas e oligopolistas, por exemplo. Abordando desde a formação de um mercado até como as decisões de seus agentes podem influenciar o cotidiano, discussões acerca de competitividade e sustentabilidade são trazidas para sala de aula. A importância do papel governamental para correção de determinados problemas e suas principais ferramentas regulamentadoras são apresentadas e discutidas. Buscando incentivar a tomada de decisões conscientes por parte dos agentes econômicos e a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional, este encontro trabalha com a

importância do cidadão ter conhecimento dos seus direitos e deveres nos diferentes mercados.

(d) “Educação Financeira”. Tem como principal objetivo conscientizar os alunos do ensino médio da importância da educação financeira no orçamento pessoal e familiar. O encontro é realizado de maneira prática, fazendo uso de planilhas no Microsoft Office Excel, capacitando os alunos a aplicarem um pouco da matemática financeira, e de cartilhas ilustradas com situações do dia a dia dos alunos. Assuntos como consumo, poupança, investimentos, organização financeira e contribuição no orçamento familiar são abordados.

Tão importante quanto as palestras são as ações, o amparo e avaliações dos processos e resultados. A importância deste tema para o desenvolvimento do cidadão vai muito além da explanação de conceitos. Segundo Silva e Batista (2010), “aprender a realizar escolhas, estando ciente tanto dos fatores envolvidos quanto das consequências embutidas em cada uma delas” faz com que mudanças não apenas econômicas aconteçam no país, mas também mudanças sociais e, no longo prazo, culturais, levando a um desenvolvimento sustentável e contínuo.

4. AVALIAÇÃO DA RELEVÂNCIA DO PROJETO

No intuito de verificar a relevância percebida do projeto, foi elaborado um questionário que objetiva captar a satisfação dos alunos atendidos pelo projeto. Os atributos avaliados são descritos na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Atributos do questionário de avaliação do projeto

Atributos	Objetivo da pergunta
Clima favorável	Os alunos membros do projeto conseguiram criar um clima favorável à discussão e participação dos alunos?
Objetividade	Os alunos membros do projeto foram objetivos em suas explicações?
Esclarecimento de dúvidas	Os alunos do projeto conseguiram esclarecer as dúvidas dos alunos participantes?
Interesse pelo conteúdo	O conteúdo da palestra despertou interesse no aluno participante?
Relação com a matéria	O aluno participante conseguiu relacionar a palestra do projeto com o conteúdo de disciplina da grade curricular?
Material Didático	O aluno participante considerou o material usado na palestra como de qualidade?
Novidade	O assunto apresentação foi novidade para o aluno participante?
Tempo de exposição	O tempo de exposição da palestra foi adequado na percepção do aluno participante?
Dinâmica	A dinâmica adotada pelos alunos membros foi adequada, na visão do aluno participante?

Domínio do conteúdo	O aluno membro demonstrou domínio do conteúdo apresentado, na visão do aluno participante?
Interesse em cursar o ensino superior	O aluno participante tem interesse em cursar o ensino superior?
Avaliação Geral	Percepção de satisfação do aluno participante em relação à palestra assistida.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A aplicação e avaliação destes questionários faz-se necessária para capturar os pontos vistos como fortes e fracos do projeto na visão dos alunos participantes. Com estas informações, o projeto consegue adequar cada atributo à realidade dos alunos e às suas expectativas, trazendo assuntos e abordagens que realmente contribuam para sua formação.

Além da avaliação da percepção dos alunos participantes, avalia-se também a percepção dos membros do projeto que participaram desta troca de conhecimento. Dentre os atributos avaliados estão: domínio do conteúdo, trabalho em equipe, montagem e qualidade do material, contribuição da atividade para a formação do membro como graduando, novidade, interação com os alunos e interesse dos mesmos.

Ao final da tabulação dos resultados, os alunos membros ficam cientes das opiniões dos alunos participantes, para que possam melhorar ou ajustar pontos que foram elogiados ou criticados.

4.1. PERCEPÇÃO DO PROJETO PELO PÚBLICO ATENDIDO

No intuito de avaliar a importância dada aos atributos avaliados pelos alunos participantes, foram feitas tabelas de frequências cruzadas entre a pergunta da avaliação geral e as perguntas específicas para cada atributo utilizando o *software* estatístico SPSS. Este tipo de análise descritiva dos dados objetiva nos permitir identificar distorções nas respostas e caracterizar os atributos que realmente foram apontados como relevantes para uma percepção geral positiva, trazidas por avaliações gerais como “ótima” ou “boa”. Para esta análise, uma premissa assumida é que o preenchimento dos questionários foi feito de forma a realmente traduzir a opinião do respondente.

Foram 41 questionários avaliados em 2015 e 59 no primeiro semestre de 2016. Vale ressaltar que, em 2015, os questionários estavam sendo testados, principalmente em relação ao entendimento das perguntas pelos alunos participantes. Em 2015, o público do projeto restringiu-se a alunos do ensino médio de duas escolas (uma pública e outra privada) na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Já no primeiro semestre de 2016, o projeto foi expandido para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola da rede estadual de educação da mesma cidade, que conta também com ensinos médio e fundamental.

Em 2015, dos 41 alunos que responderam o questionário de avaliação do projeto, 30 alunos (73,17%) afirmaram ter um interesse “ótimo” ou “bom” pelo conteúdo das palestras, sendo que 38 alunos (92,68%) reconheceram a relevância do projeto para sua formação, mesmo que todos não tenham tido o mesmo interesse. Na avaliação do atributo “Relação com a matéria”, 32 alunos (78,04%) conseguiram associar o conteúdo da palestra aos objetivos da disciplina curricular correlata.

Quanto ao quesito “Domínio do conteúdo”, apenas um aluno avaliou como “regular” o domínio do conteúdo pelos membros do projeto. Todos os outros alunos participantes avaliaram como “ótimo” ou “bom”. Na ocasião, 92,8% dos 41 alunos pretendiam cursos o ensino superior, enquanto 2 alunos ainda não tinham certeza.

Nas escolas de 2015, alguns pontos foram avaliados como pontos de melhoria para 2016. Entre eles: criação de mais momentos durante a palestra para participação dos alunos, novidades trazidas pela discussão, esclarecimento de dúvidas, objetividade nas explicações. Alguns pontos foram levantados como positivos pelos alunos: material didático claro e objetivo, linguagem adequada dos membros à realidade dos alunos participantes.

Em 2016, o questionário foi refeito para aprofundar a percepção dos alunos. Dos 59 alunos que preencheram os questionários, 28 (47,5%) consideraram as palestras do projeto “ótimas”, de uma forma geral. 25 alunos (42,4%) como “boas” e 4 alunos (6,8%) como “regulares”. 2 alunos não responderam a esta pergunta.

Analisando a Tabela 2, que mostra a relação entre a avaliação geral das palestras e o atributo “Clima Favorável”, 87,7% dos respondentes afirmaram que o clima favorável a discussões foi criado com êxito pelos membros do projeto, enquanto 12,3% afirmaram que foi criado em alguns momentos. Nenhum dos respondentes afirmou que o clima de discussão não existiu nas palestras do projeto. Este resultado é favorável aos objetivos do mesmo, uma vez que a proposta é realmente criar discussões acerca da realidade dos participantes e propiciar momentos de troca de conhecimentos. Mesmo participantes que consideraram as palestras como “regulares” reconheceram a criação do clima de discussão. Como isso, é possível concluir que este atributo não foi relevante para as avaliações marcadas como “regulares”. Vale ressaltar que este foi um ponto de melhoria levantado no ano de 2015.

Tabela 2 - Frequências Cruzadas entre Avaliação Geral e Clima Favorável

Avaliação Geral x Clima favorável			Clima favorável		Total
			Sim	Talvez/Em partes	
Avaliação Geral	Ótimo	Count	28	0	28
		% within Avaliação Geral	100,00%	0,00%	100,00%
	Bom	Count	18	7	25
		% within Avaliação Geral	72,00%	28,00%	100,00%
	Regular	Count	4	0	4
		% within Avaliação Geral	100,00%	0,00%	100,00%
Total		Count	50	7	57
		% within Avaliação Geral	87,70%	12,30%	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto ao atributo “Objetividade”, este mostrou certo peso na opinião dos respondentes para avaliar as palestras como “boas” ou “regulares”. Dos 24 respondentes que consideraram as palestras como “boas”, 6 alunos (25%) afirmaram que os alunos

membros não foram inteiramente objetivos em suas explicações, enquanto que, dos 4 respondentes que afirmaram serem as palestras “regulares”, metade afirmou que os membros não foram objetivos ou o foram em partes. Na avaliação do atributo “Esclarecimento de dúvidas”, 26,3% dos respondentes consideraram que as suas dúvidas foram esclarecidas em parte, ou não esclarecidas. Destes, 52% consideraram o projeto como “bom” ou “regular”.

A Tabela 3 apresenta os resultados do atributo “Interesse pelo conteúdo”. Relações interessantes podem ser extraídas destas frequências. Embora 26,9% (14 alunos) dos respondentes afirmassem ter um interesse mínimo pelos assuntos das palestras, 43% (6 alunos) destes consideraram a palestra como “ótima”. Em sua maioria (71,15%) dos respondentes, consideraram as palestras “ótimas” e se interessaram pelos assuntos.

Tabela 3 - - Frequências Cruzadas entre Avaliação Geral e Interesse pelo Conteúdo

Avaliação Geral x Interesse pelo conteúdo			Interesse pelo conteúdo					Total
			Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	
Avaliação Geral	Ótimo	Count	2	1	3	9	12	27
		% within Avaliação Geral	7,40%	3,70%	11,10%	33,30%	44,40%	100,00%
	Bom	Count	0	0	7	8	8	23
		% within Avaliação Geral	0,00%	0,00%	30,40%	34,80%	34,80%	100,00%
	Regular	Count	0	1	0	0	1	2
		% within Avaliação Geral	0,00%	50,00%	0,00%	0,00%	50,00%	100,00%
Total		Count	2	2	10	17	21	52
		% within Avaliação Geral	3,80%	3,80%	19,20%	32,70%	40,40%	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere ao atributo que associa a palestra com a disciplina curricular, 67% dos respondentes que consideraram as palestras como “boas” ou “ótimas” conseguiram entender a inter-relação existente entre o assunto da palestra e a disciplina que abriu as portas para que essa acontecesse. 33,33% dos alunos consideraram o material didático abaixo do esperado, sendo que 10 alunos, dos 19 que consideraram as palestras como “boas”, ou seja, 52,63%, avaliaram o material aquém do esperado. 71% dos respondentes afirmaram que as palestras trouxeram conhecimentos novos para sua formação. Vale citar ainda que 52,63% dos respondentes consideraram como “boa” ou “ótimo” a duração das palestras e 78,72% afirmaram que a dinâmica adotada pelos membros para passar o conhecimento atendeu às expectativas.

Quanto à percepção de domínio do conteúdo por parte dos membros, o Gráfico 1 mostra que, para 25% dos respondentes, este atributo deixou a desejar. Como apenas respondentes que consideraram a palestra “regular” também falaram sobre o conteúdo, podemos entender que transmitir segurança e domínio do assunto no momento da apresentação é de principal importância para avaliação geral da palestra.

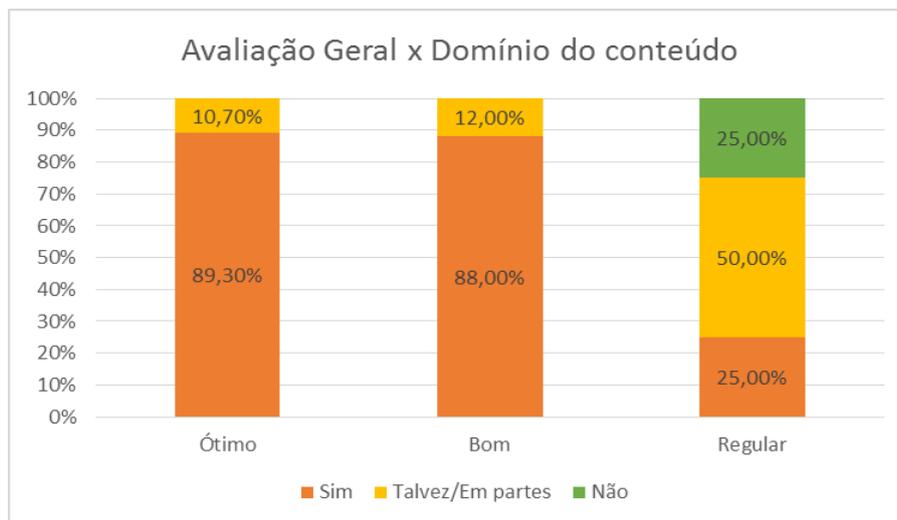


Gráfico 1 - Frequências Cruzadas entre Avaliação Geral do Projeto e o atributo "Domínio do Conteúdo"

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, quanto ao interesse dos respondentes em continuar os estudos e cursar o ensino superior, apenas 66,10% têm esta ideia bem definida, enquanto 10,7% não pretendem fazer nenhum tipo de curso no ensino superior. Pode-se concluir que existe uma diferença entre os públicos trabalhados. Enquanto a maior parte dos alunos do ensino médio regular, no ano de 2015, gostaria de cursar o ensino superior, parte significativa dos alunos da EJA tem dúvidas ou não pretendem fazê-lo.

4.2. PERCEPÇÃO DO PROJETO PELOS MEMBROS DO GRUPO

Paralelamente à avaliação dos alunos participantes do projeto, que assistiram às palestras, foram verificadas também as percepções dos membros do projeto, os alunos integrantes do grupo de extensão que se preparam para levar parte do conhecimento econômico-financeiro aprendido na graduação aos alunos do ensino médio.

Em 2015, 5 alunos responderam o questionário. Vale ressaltar que este número é significativo, uma vez que, tanto em 2015 quanto em 2016, o projeto contava com 7 membros. Todos os respondentes afirmaram ter um domínio “ótimo” ou “grande” do conteúdo. Além disso, mencionaram que, apesar de ser um conteúdo discutido na graduação, conseguiram inserir novidades em suas apresentações do projeto. Levantaram também a necessidade de revisão do material apresentado para facilitar o entendimento dos alunos do ensino médio.

Em 2016, o questionário também foi respondido por 5 alunos. Os membros retrataram nas respostas a dificuldade de interação com a turma devido ao desinteresse de muitos alunos participantes. Porém, é nítido que, aos interessados, as dúvidas foram sanadas e houve grande troca de conhecimentos, já que os alunos eram de turmas da

Educação de Jovens e Adultos (EJA), que haviam passado por importantes mudanças na moeda e souberam ligar a explicação às situações vividas. Outro quesito que se deve ressaltar é a importância do trabalho em equipe, tanto na revisão do material quanto na execução das atividades.

No anexo I estão transcritos alguns comentários de alunos participantes e, no anexo II, comentários dos alunos membros.

5. CONCLUSÕES

O projeto “Economia nas Escolas” busca atender aos objetivos da educação financeira, auxiliando na formação de cidadãos conscientes, instruídos econômica e financeiramente. O conhecimento forma investidores mais seguros, cientes de suas oportunidades, limites e riscos. Durante a execução do projeto, os temas são trazidos para discussão dos alunos, de forma a inseri-los em seu cotidiano de uma forma leve e adequada às suas expectativas.

O presente trabalho trouxe informações sobre a avaliação da importância percebida, tanto por parte dos alunos do ensino médio, participantes do projeto, quanto pelos alunos de graduação, membros do projeto. A troca de conhecimentos do projeto se dá em duas frentes. Uma é que os alunos participantes passam a ver conceitos que consideravam longe da sua realidade de forma mais próxima, entendendo que o conhecimento é acessível, desde que queiram aceita-lo. Uma segunda contribuição pode ser sentida, baseando-se nas avaliações feitas, na formação dos alunos da graduação, membros do projeto. Ao participarem deste projeto, os alunos do ensino superior trabalham a criticidade da relação teoria x prática do curso. Este tipo de oportunidade pode não trazer novidades em termos de conteúdo teórico para os membros, mas traz, conforme avaliações feitas anteriormente, uma visão aplicada do conteúdo visto na graduação.

A cada ciclo de palestras, são avaliados os resultados e apresentados a todos os membros para que situações criticadas, ou não avaliadas como ótimas, possam ser adequadas. O projeto encontra-se em expansão. Em 2015, limitou-se a escolas de ensino médio regular. Em 2016, a relevância do projeto foi testada para turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Considera-se que a aceitação tenha sido boa, uma vez que, como a participação no projeto não é obrigatória, os alunos que assistiram às palestras realmente se interessaram pela proposta.

Posteriormente, com o aumento do número de questionários, será possível trabalhar análises estatísticas mais robustas, como a análise fatorial, no intuito de identificar pesos para os atributos avaliados na satisfação dos participantes do projeto.

Para o segundo semestre de 2016, um planejamento está sendo feito para implantar um piloto de Educação Financeira para o Ensino Fundamental. Esta expansão se justifica pelos diversos trabalhos, mencionados anteriormente, sobre os conceitos de educação financeira aparecerem na formação do cidadão o mais cedo possível, seja dentro do ambiente familiar, ou na escola.

O conhecimento econômico-financeiro traz inúmeros benefícios, entre eles: acesso a produtos e serviços bancários, anteriormente não vistos como oportunidades por falta de conhecimento; cidadãos mais conscientes, capazes de cobrar ações e satisfações de todo tipo de agente econômico a que tenha acesso; melhora da qualidade de vida da

população; formação de agentes de mudança, uma vez que está claro que países hoje desenvolvidos não chegaram onde estão pelas mãos de um ou dois governantes, mas sim pelo desenvolvimento social, econômico e financeiro de seus cidadãos.

6. REFERÊNCIAS

ALONSO, O. Criando riqueza: um guia prático de investimentos e finanças pessoais para leigos. São Paulo: Empiricus, 2016.

BACEN. BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório Focus, Relatório de Mercado, Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20160610.pdf>>. Acesso em: 17/06/2016.

BRUHN, M.; LEÃO, L. S.; LEGOVINI, A. ; MARCHETTI, R. ; ZIA, B.. O Impacto da Educação Financeira do Ensino Médio: Evidência Experimental do Brasil. Elaborado pelo grupo de pesquisa de Desenvolvimento do 15 Banco Mundial e Região do Caribe e América Latina. Dezembro, 2013. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/imagem/file/Paper%20Banco%20Mundial%20-%20portugu%C3%AAs.pdf>> Acesso em: julho, 2015.

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Banco de Dados Agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1419&z=t&o=20&i=P>>. Acesso em: 18/06/2016.

IBGE. PNAD Contínua: taxa de desocupação foi de 11,2% no trimestre encerrado em abril de 2016. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3172&busca=1&t=pnad-continua-taxa-desocupacao-foi-11-2-trimestre-encerrado-abril-2016>>. Acesso em: 18/06/2016.

KIYOSAKI, R. T. Pai rico pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MARSHALL, T.H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

OCDE. ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies. Paris, 2005, p. 181.

OCDE. *National Strategies for Financial Education.* Oecd/Infe Policy Handbook. Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/National-Strategies-Financial-Education-Policy-Handbook-Highlights.pdf>>. Acesso em: 18/06/2016

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A.. Paradigmas da educação financeira no Brasil, Revista e Administração Pública (RAP), Rio de Janeiro: Nov./Dez., 2007.

SILVA, R. da; BATISTA, N. N. F. Experimentos Econômicos para Estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ribeirão Preto/SP. Revista Cultura e Extensão USP, v.4, p.45-56, 2010.

SPC. Inadimplência estabiliza em maio e número de negativados chega a 59,25 milhões em todo o país, diz SPC Brasil. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/1632>>. Acesso: 17/06/2016.

MEC, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.384/96). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15774-ept-relatorio-06062014&Itemid=30192> Acesso em: 15/06/2016

VIDA E DINHEIRO. Site elaborado pelo Comitê Nacional de Educação Financeira. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/pagina-27-selo_enef.html> Acesso em: 19/06/2016.

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DE ALGUNS COMENTARIOS DOS PARTICIPANTES

“Achei muito interessante o tema apresentado pelos alunos, possibilita entender melhor como o nosso país se adéqua no cenário mundial.”

“Adorei as palestras. É de grande importância para conhecermos mais o curso de Economia.”

“Muito duradoura, porém assunto relevante o tema.”

“Considero importante, pois temos mais desenvolvimento ao conteúdo. A apresentação foi excelente.”

ANEXO II - TRANSCRIÇÃO DE ALGUNS COMENTARIOS DOS MEMBROS

“Foi notável o desgaste do funcionalismo público na educação básica.” (Relato de um membro do projeto em apresentação realizada na escola pública).

“Turma difícil de lidar. Ausência do professor pode ter comprometido o comportamento dos alunos.”

“Melhoria significativa em relação à palestra anterior.”

“A palestra foi bastante gratificante. Foi satisfatório levar conhecimentos que os alunos não possuíam. Espero participar em outras oportunidades.”